

PLÍNIO MARCOS

32 pg.

Personagem: Nicanor - o prefeito

O ASSASSINATO DO ANÃO
DO CARALHO GRANDE
NOVELETA POLICIAL E PEÇA TEATRAL



GERAÇÃO
EDITORIAL

Handwritten signature or initials

PARTE II
A PEÇA TEATRAL

PRIMEIRO ATO

Cenário: interior de um circo. Quando abre o pano, é como se o picadeiro estivesse sendo invadido pela fina flor da sociedade local, cada um com sua roupa de ofício (juiz, promotor, advogados, delegado e soldados); Dona Ciloca, mulher gorda, esposa do prefeito, à frente. Do outro lado, os artistas do circo, cada um com sua roupa de ofício (palhaço, domador, atleta, ciganos e ciganas). Quando o pano abre estão todos estáticos, como se fossem figuras de uma museu de cera. Toda a cena está em penumbra. De repente, luz abre no geral e explode música de abertura de espetáculo (galope). Toda a gente, da cidade e do circo, dá voltas no picadeiro, como se estivessem se apresentando, e voltam ao lugar de início. Os artistas permanecem estáticos em seus lugares. A elite da cidade se agita.

DONA CILOCA

(Poderosa) Vamos, vagabundos. Acordem. Acordem. Canalhada. Vagabundos. Não sei onde o Nicanor, meu marido, estava com a cabeça quando deixou esses ciganos acam-

parem na cidade. Pra que queremos uma espelunca dessas por aqui? Ah... Nicanor... e seu enorme coração. Não sabe dizer não a ninguém. Eu digo a ele: Nicanor, um prefeito às vezes tem que ser duro. Mas ele me ouviu?

TODOS (DA CIDADE)

Não, Dona Ciloca.

DONA CILOCA

O primeiro sujeitinho que aparece na prefeitura choramingando leva tudo o que quiser. Nicanor tem coração mole. Cedeu o terreno para os ciganos. Cedeu o terreno graciosamente, é bom que se diga.

TODOS

É bom que se diga.

DONA CILOCA

E o resultado?

Silêncio.

DONA CILOCA

Mal chegaram e já criaram aborrecimento, encrenca, confusão. (*Suspira*) Mas o que está feito, está feito. Palavra de rei não volta atrás. O Nicanor cedeu o terreno. Que se há de fazer?

TODOS

O que se há de fazer?

DONA CILOCA

Boa pergunta. O que se há de fazer? (*Pausa*) Só nos resta ficarmos vigilantes em cima dessa ciganada vagabunda. Sob controle rígido, vigilância em cima, eles não se sentem bem... Não podem... logo levantam acampamento e vão embora. Assim é que é.

TODOS

É. É. É.

DONA CILOCA

(*Animada*) Vamos, acordem, acordem, vagabundos. Isso aqui não é uma visita de cortesia. É uma inspeção. Uma incerta, como diz o delegado aqui presente. Acordem, acordem.

(*O pessoal do circo se mexe.*)

RITONA CAPATAZ

(*Machona, invocada*) Que tá havendo?

DONA CILOCA

Doutor delegado, diga a ela porque estamos aqui.

DELEGADO

(Cara amassada, terno amassado, camisa puída, gravata de laço frouxo. Único cuidado é com o cabelo, empastado. Sujão, cansado, sonado.) Cagüetaram vocês para a Dona Ciloca... Digo, deram parte... E tal e coisa e coisa e lousa. Entendeu? Sujaram vocês. Viemos conferir.

DONA CILOCA

(Não gostou; para ela, o momento era solene) Delegado, com licença. *(Em tom de discurso)* Estou aqui como presidenta em exercício da Sociedade Protetora dos Animais nesta progressista cidade. Venho trazida por uma denúncia grave.

TODOS

Gravíssima.

DONA CILOCA

Gravíssima mesmo, contra essa... digo, esse circo Atlas. E para deixar bem claro que o assunto é sério, muito sério, me faço acompanhar por toda a minha diretoria e por pessoas ilustres, as mais eminentes personalidades da comunidade, pessoas às quais não só nosso pequeno burgo, mas também a nação e o Estado devem muito. Como podem notar, o delegado e os soldados estão conosco. Esse homem *(aponta o delegado, imagem da degradação)* que é notório e intransigente defensor da moral e dos bons costumes, se

faz presente para garantir a qualquer preço o cumprimento da nossa missão.

RITONA CAPATAZ

Mas, porra, trocando em miúdos esse blá, blá, blá todo, o que querem aqui?

DONA CILOCA

(Indignada) Estamos aqui porque recebemos a denúncia de que vocês aqui nesta espelunca estão dando gato e cachorro pro leão comer.

RITONA CAPATAZ

Putaquepariu. Isso é mentira. Mentira. Mentira. Coisa de crocodilo, de algum filho da puta nojento, despeitado, invejoso.

Dona CILOCA

(Irônica) Despeitado? Invejoso? *(Ri, afetada; todos riem afetados)*. Não me faz rir. *(Ri)* Que pretensão dessa aí, minha gente! Quem haveria de ter despeito, inveja de um bando de ciganos de circo mambembe? *(Ri)*

RITONA CAPATAZ

Quem? Muita gente tem inveja do povo da estrada, muita gente mesmo: os maridinhos *(cospe, cínica)* que fi-

cam rodeando o circo, a mulherada que fica molhadinha quando nossos rapazes passam na rua...

MÃE DI

(*Educada, serena e firme*) Chega, Ritona. Essa conversa mole não vai levar ninguém a lugar nenhum. Senhora Dona Ciloca... Dona Ciloca, pois não?

DONA CILOCA

Sim. Sim.

MÃE DI

(*Ela fala serena; a autoridade emana da sua competência*) Muito estimo em vê-la aqui no meu circo. Ia mandar convidá-la para um nosso espetáculo. Talvez oferecer uma sessão com renda para uma de suas instituições de caridade. Dizem que a senhora é uma senhora obreira da fraternidade... (*Dona Ciloca fica humild; vaidosa.*) A senhora, ainda tão moça... Mas veio para cumprir o seu dever, pois não? A primeira dama da cidade onde fomos tão bem acolhidos não pede, manda. Franz...

FRANZ

(*Solícito*) Sim, Mãe Di.

MÃE DI

(*Se dirigindo a Dona Ciloca, indicando Franz como guia com um gesto*) A casa é sua. Verifique... esteja à vontade.

DONA CILOCA

(*Encabulada*) Bem, eu tenho um mandato de busca. Além disso, o juiz de direito dessa comarca, o Doutor Rubens Godoy (*ela indica o homem, vestido de juiz: de toga, chapéu e tudo*) está presente... Eu... eu... Carlinhos.

CARLINHOS

(*Bichinha de gravata borboleta; engomadinho.*) Pois não, presidenta.

DONA CILOCA

Mostre o mandato.

MÃE DI

Não precisa.

CARLINHOS

Pois não, presidenta. (*Abre a pasta, nervoso; deixa cair alguns papéis no chão; ele procura os documentos, aflito.*) Meu Deus, onde coloquei o mandato? Estava aqui com meus poemas, misturou tudo. (*Todos da cidade ajudam a catar os poemas no chão e procurar o mandato.*)

BOBO

Ele podia vir declamar os poemas dele no circo. Ia ser hilário (*Ri*) A bicharada declamando. (*Ri; todos param e olham pro palhaço, que pode estar vestido de palhaço*)

BOBO

(Vai parando de rir) Quero dizer, pois é... ele leva jeito...

MÃE DI

Não se preocupem com documentos. Se Dona Ciloca diz que tem um mandato de busca, é porque tem. Nem precisava. Como já falei, a casa é sua. Por onde quer começar a inspeção?

DONA CILOCA

(Embaraçada) Bem, eu... naturalmente... claro, se a denúncia... é sobre o leão... é óbvio.

MÃE DI

Franz, o leão.

(O pessoal do circo sai.)

CARLINHOS

Achei, achei. Tá aqui o mandato.

DONA CILOCA

Francamente, Carlinhos. Você me envergonha.

CARLINHOS

(Nervoso) Perdão. presidenta, me embarcei.

DONA CILOCA

Com efeito.

(Ouve-se um urro de leão. Susto geral. Entra leão em sua jaula, empurrado pelo pessoal do circo. Bobo vem sentado em cima da jaula, soprando um instrumento que faz som de urro de leão.)

CARLINHOS

Meu Deus, que susto! Pensei que era a fera que estava urrando.

BOBO

Pobre Belo Platão. Não tem mais urro. Mais nada.

(Pausa)

TODOS

Isso que é leão?

Na televisão parece fera.

Claro, bicho de televisão come.

Numa briga com esse bicho, sou mais meu cachorro.

Também, esse leão não tem dente.

Olha a pata do bruto: não tem unha.

Esse bicho tá meio morto.

Fede. Fede muito.

É pura bicheira. Tem que feder.

As varejeiras estão varejando.

Logo, logo, urubu vai fazer plantão em cima da jaula.

Se o bicho dormir urubu bica ele.

Esse leão não é bom palpíte nem pro jogo de bicho.

Se o palhaço for como o leão, não deve ter graça.

Só pode ser, palhaço engraçado não ia andar com uma espelunca dessa.

MÃE DI

Este é o nosso leão africano, Belo Platão, uma fera doente e cansada, por anos e anos a fio nas andanças das estradas que vão do nada a lugar nenhum, uma viagem sem meta. Podem olhar o bicho à vontade.

BOBO

(Pula da jaula e toca o instrumento urrador na cara da bicha Carlinhos) Se assustou? *(Ri)* Isso é bom pra solução *(outro urro)*. Aí está o Belo Platão, fera sem dente, sem unha, sem ânimo, sem urro. Podem bisbilhotar a vontade o gaiolão do bicho. À vontade. Não cobramos nada. O Belo Platão está tão mau que não vai pra doma nem pra exposição. Quem pagaria ingresso pra ver um bicho desse? *(Urra)*

DONA CILOCA

(Cochicha pro delegado, em tom de carro-corneta anunciando o espetáculo) Não se deixe envolver, delegado. Eles estão com encenação. Ao menor vestígio de crime, detenha a corja toda, sobretudo essa velha cigana, o domador e essa mulher com jeito de homem. Todos. Gente dessa laia não merece contemplação. Vamos mostrar a eles que somos do interior mas não somos caipiras, bobocas. Não vão nos enganar com conversa mole. Meu caro delegado, não se deixe levar por nenhum sentimento que não seja o

de justiça. Banana, nessa cidade, basta o Nicanor, que permitiu que esses vagabundos se instalassem graciosamente no terreno dele.

BOBO

(À parte, para o público) Terreno dele quer dizer terreno da prefeitura, e graciosamente é o aluguel pago sem recibo. Um verdadeiro político, esse prefeito Nicanor.

DELEGADO

Deixa comigo, Dona Ciloca. Vagabundo matador de cachorrinhos e gatinhos não tem moleza comigo. Sou um humanista, a senhora sabe. Mas com gente que maltrata bicho sei ser duro. E esses soldados... foram escolhidos a dedo por mim. Se eu mandar, pegam esses ciganos, levam pras quebradas e somem com eles *(ri)*. Por isso que não junta vagabundo na cadeia da nossa cidade *(ri)*. O Estado não tem obrigação de alimentar a escória social.

DONA CILOCA

Eu sei do que o senhor é capaz, delegado Alencastro. *(Paura. Voltando-se para seu grupo)* Gente, que tipo de carne come o leão de uma espelunca como essa? Com a vida cara do jeito que anda e com o sucesso que esses artistas fazem, o leão deve ser tratado a filé. Carne de primeira *(ri)*.

TODOS

Dona Ciloca é muito engraçada.

Sempre irônica.

Não perde o humor.

Nem numa situação tensa como essa ela perde o humor.

Ela é assim desde menina. Na escola era assim mesmo, prova, exame, sempre nos fazendo rir.

Eu me lembro. Estudei com ela desde o prezinho até nos formarmos normalistas.

É verdade. Ela sempre foi irreverente.

Ela pode... Tem uma invejável veia cômica.

BOBO

Isso não é veia cômica. É variz. *(ri)* Mas para que os distintos visitantes não esquentem a cabeça com o que come o leão do circo, eu informo: o leão Belo Platão não come carne, é vegetariano. Come pouco, tem medo de engordar e ficar por aí rolando como uma bolona cheia de ar.

(Pessoal do circo ri.)

BOBO

Mas teve uma época em que o Belo Platão era tratado com carne. Era quando ele trabalhava na arena. Ele era o leão de estimação do Nero. Quando o imperador tinha algu-ma cristã gorda que não prestava pra nada, dava pro

leão comer *(ri)* As magras lindonas? Ele mesmo comia *(ri)* Nerão era esperto. Só gordona bagulhosa é que virava ração de fera... De tanto comer toucinho, Belo Platão enjoou de... Banha enjoa *(ri)*.

(Todo o pessoal ri.)

DONA CILOCA

(Ofendida) Esse moleque atrevido está ficando insurportável. Está passando dos limites. Precisa de uma lição. *(Delegado vai avançar pra Bobo, Dona Ciloca o detém.)*

DONA CILOCA

Espere, delegado. Cada coisa tem sua hora. Ninguém perde por esperar. Agora vamos examinar a jaula. *(Todos se aproximam da jaula, a examinam e não vêem nada)*

DONA CILOCA

(Tampa o nariz; todos a imitam) Não vejo nada que os incrimine. *(Pausa; prossegue em tom lamentoso)* Não vejo o que se possa fazer com essa gente.

SECRETÁRIO MACEDO

O fedor. A imundície. Sem dúvida, isso aqui é um foco de doenças, de moléstias contagiosas. Temos que mandar o pessoal da saúde pública com urgência ver como isso aqui está. Se não tomarmos providência, logo nossas

crianças, nós mesmos, estaremos sendo vítimas de um surto, de uma epidemia de sei lá o quê. Vejam como está esse bicho. Esse leão, se é que podemos chamar de leão essa carcaça, deve estar cheio de pulgas, carrapatos, muquiranas, sanguessugas. Meu Deus, olha como o bicho está cheio de feridas! Que imundície! Que fedor! Não haveria meio de acabar com as moscas e os mosquito.

DONA CILOCA

Bem observado, secretário Macedo, mas tem mais. Aqui não há esgoto.

BOBO

(À parte, para o público) Como não há em toda a cidade.

CARLINHOS

Não vejo privada em lugar nenhum por aqui. Não posso imaginar como eles evacuam.

BOBO

Com o cu. Como todo mundo. Quer dizer... Tem gente que usa o cu pra outra coisa *(ri)*.

DONA CILOCA

(Cada vez mais furiosa) Exijo respeito. Esse sem-vergonha vem tentando nos ridicularizar, anarquizar as autori-

dades desta cidade. Eu venho ignorando, porque o que vem de baixo não me ofende. Mas agora chega. Chega!

(Dona Ciloca, na sua fúria, quase perde o fôlego; ofegante, pára de berrar. Respira com dificuldade, a veia do pescoço inchada. Vira de costas bruscamente para o grupo e fica de cara pra jaula, ainda ofegante.)

TODOS

Dona Ciloca é assim. Muito boa. Até que deixa de ser. Não abusem dela. Não abusem.

Ela dá um boi pra não entrar na briga. Depois, bom...
Dá uma boiada pra não sair.

Dona Ciloca brava mete medo

Dona Ciloca tem temperamento forte.

Desde nosso tempo de escola foi assim

Então não sei? Estudei com ela desde o prezinho até nos formarmos normalistas.

(O delegado vai se aproximando do Bobo, quando um grito faz todos pararem, petrificados.)

DONA CILOCA

(Gritando) Lá! Lá! Lá! *(todos olham Dona Ciloca, enlouquecida)* Lá no fundo da jaula, gente, lá. Vejam. É a prova do crime. Vejam, está escondido embaixo da forragem. Por

isso não vimos, mas agora vejo a pontinha aparecendo. Vejo o volume embaixo da palha. Adivinho. É um gato. Um cachorro comido pela metade. Delegado, mande os soldados apreenderem aquilo. Seja o que for, é a prova do crime.

(Dona Ciloca berra. Todos os circenses estão pasmos. O pessoal da cidade está alegre. Os soldados andam sem saber o que fazer.)

DONA CILOCA

(Histérica) É a prova do crime, é a prova do crime! Vão todos pra cadeia, ciganos mentirosos. Queriam negar a abominável prática de dar animais domésticos para o leão comer, sanguinários! Ciganos assassinos! Vamos, delegado, tirem o bicho morto em jaula. Com cuidado. Cuidado. Es-se leão está quase morto. Velho, fedorento, podre. Mas lembrem. É uma fera carnívora.

TODOS

(Murmurando) Dona Ciloca é esperta.

Oh, se é.

Ninguém pode com ela.

Percebe tudo.

Dona Ciloca tem olhos de lince.

Dona Ciloca é danada. Ninguém engana ela.

Ainda mais um bando de ciganos.

Desde pequena ela é assim, percebe tudo.

Então não sei? Estudei com ela do prezinho até nos formarmos normalistas.

Ela tem dons ocultos.

Seu Jorge do Centro falou isso mesmo.

(Soldados tentam resgatar o objeto.)

DELEGADO

Mas o que falta pra puxarem o bicho morto pra fora?

SARGENTO

Tá longe. A gente não alcança.

RITONA CAPATAZ

Deixa com a gente. Franz.

(Franz pega o chucho, vara de cutucar fera, e puxa o entulho do fundo da cela. O que vem é uma trouxa de roupa. Todos estão pasmos, mudos. Os do circo se olham, estão mais espantados do que todos.)

DONA CILOCA

(Depois de um tempo) Roupas. Roupas de uma criança. Meu Deus, será? Será? Ai...

(Começa a rodopiar, escolbendo um espaço para desmaiar. Carlinhos rodopia atrás dela. Depois de um tempo, ela cai. Carlinhos vai ampará-la e cai junto. Um grupo acode Dona Ciloca.)

DELEGADO

Filhos da puta. Deram criança pro leão comer.

(As mulheres da cidade e alguns homens berram histéricos e choram.)

MÃE DI

(Tranqüila) Demos coisa nenhuma pro leão.

DELEGADO

(Agarra a roupa e esfrega na cara dos circenses) E o que que é isso? Que significa isso?

RITONA CAPATAZ

É o terno do Janjão .

DELEGADO

Janjão? Que Janjão?

RITONA CAPATAZ

O anão.

DELEGADO

E como se explica a roupa do anão dentro da jaula?

RITONA CAPATAZ

É o que eu gostaria de saber.

DELEGADO

Porra. Puta que me pariu. Se vocês não sabem, quem é que vai saber o que a roupa de um anão está fazendo na jaula do leão?

MÃE DI

Talvez o anão explique.

DELEGADO

Se é que não deram o anão para o leão comer.

BOBO

(Tirando sarro) O leão deve ter tirado a casca do anão antes de engolir o bruto.

(O delegado agarra o Bobo, encosta ele na jaula e o esmurra. Quando larga o Bobo, este cai. Os soldados mecanicamente pisoteiam o palhaço.)

DONA CILOCA

(Que está voltando a si e berra, nervosa) Parem! Parem! Delegado: mande pararem com isso.

DELEGADO

Chega, já demos uma amostra. Agora eles vão nos respeitar.

(Os soldados se afastam. O pessoal do circo levanta o Bobo.)

DONA CILOCA

Tenha calma, delegado. Bem sei que o senhor está revoltado. Essa canalha paga com esse crime odioso a nossa hospitalidade. Por isso é que sou a favor da pena de morte, pra essa canalhada criminosa. Tem que haver. Mas, calma. Esse crime vai repercutir no Brasil. No mundo inteiro.

DELEGADO

É isso, Dona Ciloca. *(Se dirigindo ao pessoal do circo)* Então, canalhada? Aprenderam que têm que respeitar as autoridades?

MÃE DI

Aprendemos tudo. Tudo. Aprendemos a respeitar as grandes autoridades que são vocês. Agora basta de violência. Que querem?

DELEGADO

O assassino do anão.

MÃE DI

Mas o que prova que ele foi assassinado?

DELEGADO

A roupa dele na jaula.

MÃE DI

Isso não prova nada.

DELEGADO

Então cadê ele?

(Pausa)

MÃE DI

Achem o anão e tragam ele aqui.

(Todos do circo saem berrando.)

Janjão! Janjão! Janjão!

(A elite da cidade faz fofoca.)

Já imaginou o escândalo?

Nem quero pensar.

Se o leão comeu o anão...

Vai vir televisão.

Só vai. Imagina se eles vão perder um assunto desses.

Não é todo dia que um leão come um anão.

Dona Ciloca vai aparecer.

Ela merece.

Ela vai até no *Fantástico*.

Aposto.
Esse é o sonho dela desde de menina.
Então não sei? Estudei com ela do prezinho até nos formarmos normalistas.

MÃE DI

Então, Ritona?

RITONA CAPATAZ

Nada. No alojamento tá tudo dele lá. A coleção de revista de sacanagem, a roupa de cena, tudo.

MÃE DI

Franz?

FRANZ

Nem sombra.

MÃE DI

Bobo?

BOBO

Escafedeu..

DELEGADO

Eu sei onde ele está. Na barriga do leão .

BOBO

(*Rápido no gatilho*) Isso sá vai ser provado quando o leão cagar.

DELEGADO

(*Impaciente com o atrevido*) Filho da puta... a lição.

DONA CILOCA

Calma, delegado. Esse assunto vai ser notícia, manchete de jornal, televisão.

DELEGADO

Tem razão, Dona Ciloca (*Pausa, respira fundo; muda o estilo, como se raciocinasse.*) O anão some. Suas roupas aparecem dentro da jaula sem ele dentro. A fera sempre faminta parece satisfeita. Isso é indicação de que o leão comeu o anão. Mas com certeza o anão não mergulhou por livre e espontânea vontade na goela do leão. Ninguém nunca se suicidou assim, o anão não ia ser o primeiro. Esse meu raciocínio claro me faz concluir que alguém matou o anão e o jogou pro leão comer. Ou, quem sabe, tirou a roupa do anão e jogou ele vivo pro leão fazer o serviço? Quem matou o anão? Quem? Claro. Claro. Ninguém sabe. Um criminoso frio e calculista capaz de atirar um anão nu pro leão comer não vai se entregar só pra aparecer na televisão; não vai confessar só porque estou perguntando. Mas eu

descubro o assassinato, descubro. Podem apostar todas as fichas nisso. Ganham certo. Certo, certo, nunca deixei um caso sem solução, e não vai ser agora, com anos e anos de janela, que vou ser enganado por um bando de ciganos assassinos. Canalhas, nojentos, assassinos de anão. Eu descubro o assassino do Janjão, ou não me chamo mais Ribaldo de Alencastro. Por enquanto todos do circo são suspeitos, todos. Ninguém sai do acampamento, ninguém!
(Pausa) Carlinhos!

CARLINHOS

Sim, delegado.

DELEGADO

(Segredando) Você, que tem jeito pra essas coisas, liga pra capital e dá um toque na imprensa. Esse crime dá notícia. (Sorri, pano fecha.)

SEGUNDO ATO

Tristes, humilhados, os circences estão agrupados num canto, sem expressão, imóveis, como bonecos de cera.

Fora de cena, um tremendo berreiro, como uma torcida de futebol enlouquecida.

Entra em cena o delegado, acompanhado do homem da imprensa. O homem da imprensa parece uma bailarina— um ator com câmeras de TV na cabeça, nos braços e nas pernas, microfones, canetão, blocão.

Um único ator representa uma multidão, fotografa em vários ângulos e fala perguntando; como se fosse um palhaço, dá voltas no picadeiro; fala a mesma coisa ou várias coisas ao mesmo tempo.

Atrás dele vem a elite da cidade.

HOMEM DA IMPRENSA

Quem é o culpado?

Tem suspeito?

Foi crime passional?

Foi vingança?

Foi crime político?

Foi crime sexual?

Tem pista?

Tem pista?

Tem pista?

DELEGADO

Ainda não...

HOMEM DA IMPRENSA

O delegado está perdido no caso, meus caros telespectadores. Não sabe por onde começar a investigação.

(Cresce o berreiro lá fora)

DELEGADO

Sargento, manda a corja se acanhar. Se precisar, baixa o porrete.

HOMEM DA IMPRENSA

Amigos ouvintes, a multidão está furiosa. A qualquer momento podem tocar fogo no circo. Aí vai ser a alegria do palhaço.

Há segurança, delegado?

O povo quer invadir o circo.

Há como impedir linchamento?

Tudo indica que vai haver um pega pra capturar.

Há como evitar isso?

O povo quer fazer justiça com as próprias mãos.

O senhor concorda?

Discorda?

Pena de morte? Prisão perpétua?

DELEGADO

Mandei buscar reforço nas cidades vizinhas.

HOMEM DA IMPRENSA

Delegado apavorado pede arrego.

Delegado com o cu na mão.

Povo revoltado assusta delegado.

DELEGADO

O meu dever...

HOMEM DA IMPRENSA

O dever do delegado é?

DELEGADO

Manter a ordem.

HOMEM DA IMPRENSA

Ou descobrir o culpado?

DELEGADO

Também.

HOMEM DA IMPRENSA

Delegado Alencastro quer manter a ordem e prender o culpado.

DONA CILOCA

Eu quero aproveitar para declarar...

Homem da Imprensa

Fora, gorducha.

DONA CILOCA

Sou a primeira-dama...

HOMEM DA IMPRENSA

Fora! Fora! (*corre até onde estão os artistas*) Entre um desses ciganos está o assassino do anão. (*Dramático*) O sanguinário. O carniceiro. O impiedoso. Sem alma. Sem entranhas. Matador de anão.

Quem foi?

Quem foi que matou o anão?

Talvez todos juntos tenham matado o anão.

DONA CILOCA

Eu acho que foi um complô.

HOMEM DA IMPRENSA

Porra, tu enche o saco, gorducha. Quer aparecer? Pendura uma melancia no pescoço.

DONA CILOCA

Sou a mulher do prefeito. Nicanor, diga...

HOMEM DA IMPRENSA

Aqui está o prefeito. Senhor prefeito, o que achou do crime?

PREFEITO

Bom. Quero dizer. Bom, em termos econômicos... Atraiu turistas. Movimentou a cidade. Projetou nossa cidade no cenário mundial.

DONA CILOCA

Eu...

HOMEM DA IMPRENSA

Já tem suspeito, delegado?

DELEGADO

Ainda não.

HOMEM DA IMPRENSA

A polícia até agora não fez porra nenhuma.

Parece que estão em greve branca.
Operação tartaruga.
Já tem suspeito, delegado?

DELEGADO

Ainda não.

HOMEM DA IMPRENSA

Estamos na estaca zero.
Tudo na mesma.
Sem pista, a polícia não sabe por onde começar.
É como sempre diz nosso comentarista: se existisse polícia no tempo de Adão e Eva, até agora não saberíamos quem matou Abel.

DONA CILOCA

Eu tenho um suspeito...

DELEGADO

Carlinhos. Convoque a imprensa. Vou dar uma coletiva

CARLINHOS

Coletiva pra imprensa. Coletiva. O delegado Alencastro vai dar uma entrevista coletiva.

(O homem da imprensa pula de um lado pra outro. Ciloca se

põe ao lado do delegado. Puxa Nicanor. A elite une-se ao grupo).

DELEGADO

Cai fora, gente. Todos fora. Sou eu quem vai dar a entrevista. Sargento, limpa o recinto. Se preciso, baixa o pau.

DONA CILOCA

Escutou, Nicanor?

NICANOR

Venha. Venha.

DONA CILOCA

Banana. Bananão.

NICANOR

Não é hora de engrossar.

DONA CILOCA

Toda hora é hora de impor respeito.

NICANOR

Não em política. Política é a arte de engolir sapo. Se engrosso, ele me desacata. Deixa andar. Depois disso, vou à capital e arranjo a transferência dele pros confins do inferno.

DONA CILOCA

Mas aí já perdemos a televisão.

NICANOR

Que se há de fazer?

DONA CILOCA

Banana. Bananão.

(Todos saem do picadeiro; vão para a arquibancada.)

DELEGADO

Toda a imprensa está presente?

CARLINHOS

Sim, delegado Alencastro. Pode começar.

DONA CILOCA

(Da arquibancada) Esse é outro que vai me pagar.

DELEGADO

Quero declarar que já tenho um suspeito. Não falo sem provas. Mas logo, hoje ainda, o criminoso vai estar na minha unha. Apostem todas as fichas nisso. Apostem e ganhem. Descubro o assassino. Prendo o facínora vivo ou morto e entrego pra justiça, pra que a justiça faça justiça.

Não sou homem de deixar crime sem solução. Ainda hoje o cigano ou os ciganos que mataram o anão vão ser presos e socados na cadeia. Ou, se resistirem à prisão, eu juro... prendo o culpado vivo ou morto ou não me chamo Ribaldo de Alencastro.

HOMEM DA IMPRENSA

Já tem pista?

Espera que o assassino confesse na manha?

Tem provas?

DELEGADO

Tenho meus métodos. Não tem chibu. Ainda hoje prendo o culpado. Só quero tranqüilidade pra trabalhar. Sai todo mundo. Ficam só os artistas e o guarda.

(Todos, reclamando, vão saindo. Dona Ciloca vai gritando.)

DONA CILOCA

Gente. Escutem. Fui eu, com a minha intuição, quem descobriu o crime. Fui eu que vim examinar... Gente, escutem... Não sou qualquer uma querendo aparecer. Sou a mulher do prefeito, primeira-dama, presidenta da... escutem... escutem...

DELEGADO

Fora quem não é polícia, pra fora. Eu cuido do caso.

(Advogados surgem nos cantos do circo, todos vestindo beca; dois deles vão falar, cada um de um lado.)

PRIMEIRO ADVOGADO

(Para os artistas) Ei, artistas. Me autorizem a falar com a imprensa em nome de vocês. Creio que vocês são inocentes. Não se preocupem com os honorários.

SEGUNDO ADVOGADO

Sou amigo do promotor e do juiz da comarca. E eles me devem favores. Isso facilita tudo. Me constituam advogado de vocês, não temam absolutamente nada.

PRIMEIRO ADVOGADO

Estou certo de que nenhum de vocês é o autor do crime. Mas cuidado. Esse delegado tem costume de arrancar confissões, forjar provas. Comigo na parada é diferente. Conheço os podres do delegado. Ele tem rabo preso comigo. Se previnam me contratando. Não se preocupem com dinheiro. Sou um idealista.

SEGUNDO ADVOGADO

Mesmo que tenham sido vocês os autores do crime, posso livrá-los da encrenca. Posso alegar legítima defesa. Cuidarei de todos os detalhes.

BOBO

Não é melhor a gente contratar um advogado, Mãe Di?

MÃE DI

Quem não deve não teme. Nossa defensora é Sara, a Negra. Ela há de nos guiar neste momento difícil como a mão de Deus guiou a barca sem remo onde os romanos, após a crucificação do Cristo, meteram ela, as três Marias, Arimatéia e Lázaro e lançaram no rio pra se afogarem. A virgem negra nos valerá.

BOBO

Sim, Mãe Di, devemos confiar em Sara, a Negra. Mas se pudermos ter advogado é bom. Esse delegado não brinca em serviço.

FRANZ

— É, Mãe Di... sabe como é...

MÃE DI

Não vejo sanguinolência em nenhum dos nossos. Olho. Olho. Olho no fundo dos olhos. Dentro de cada um dos nossos. Vou fundo no íntimo de um por um. E ninguém acusa crime, violência, perversidade. Duvido que alguém do circo fez essa desgraceira.

BOBO

Mas... sabe Deus...

MÃE DI

Bobo... Meus olhos bruxos foram treinados no meio da tribo. Nas noites em volta das fogueiras. Meus olhos decifram os segredos. Penetram os mistérios, são olhos de olha-deira. São mágicos. Se digo que não vejo nada em nenhum dos nossos é porque não há nada que pese em nós. E Sara, a Negra nos protege.

DELEGADO

Sargento, leve essa corja aí pra uma barraca e prenda eles lá. Vou chamando os que ficarem com o cu na reta. Aliás, o principal suspeito já deixa comigo. É o domador. Esse é o principal suspeito.

FRANZ

Por que eu?

(Franz é atirado pro meio do picadeiro.)

DELEGADO

Por quê? Por que sim. Porque alguém tem que ser o primeiro. E é você.

FRANZ

Até aí, tudo bem. Mas por que eu sou o principal suspeito?

DELEGADO

Cigano filho da puta. Ladrão de alma. Feiticeiro. Filho do diabo. Canalhada. Eles batem numa casa, pedem um copo d'água, a mulher vai buscar, aí já viu, afanam tudo o que podem. Roubam criança de colo. Torcem as juntas dos bebês. Juntas do pescoço, do joelho, dos cotovelos, para depois exibirem as pobres criancinhas como contorcionistas nas feiras. Por essas e outras, sou a favor da pena de morte. Um filho da puta desses comigo se fodia. Fritava ele sem vaselina. Do primeiro ao quinto .

FRANZ

Não sei do que o senhor está falando.

DELEGADO

Estou falando, seu cigano, que quem barbariza criancinhas, como vocês, não faz cerimônia em dar um anão pro leão comer. É disso que estou falando, seu cigano sujo.

FRANZ

Eu não sou cigano.

DELEGADO

Porra. Se não é cigano o que é que é? Um marciano?

FRANZ

Sou um ser humano.

DELEGADO

Só faltava essa! O cigano quer ser humano. *(Pausa)* Se você não é cigano, é o quê? E não me venha com literatura. ser humano e tal coisa. Vamos, o que é você?

FRANZ

Circense. Artista. Domador.

DELEGADO

Assim, sim. Chegamos no ponto. Você é o domador. Alguma coisa você deve saber. Lida com leão. Não é assim?

FRANZ

Não.

DELEGADO

Não lida com leão?

FRANZ

Não. Não com esse Belo Platão.

DELEGADO

Me fala... me fala claro... Você pensa que eu sou um bestalhão qualquer? Se domador não lida com leão, faz o quê?

FRANZ

Domador, é claro, doma leão. Mas não esse Belo Platão. Esse tá quase morrendo. Mal fica em pé. Não vai pra doma. Mais dia menos dia, morre.

DELEGADO

(Depois de uma longa pausa) Escuta bem, domador... me diz se não foi assim. Você viu a fera ainda filhote chegar no circo. Trabalhou anos e anos com ela. Espetáculos mais espetáculos. Tantos sucessos. Apesar de cigano, se afeição por ele e agora, vendo o bicho nas últimas, fraco, faminto, pra minorar o sofrimento da ex-fera deu o anão pro leão comer? *(Pausa)* Não foi assim?

FRANZ

Não.

DELEGADO

Não?

FRANZ

Não. Quando eu entrei pra esse circo, uma semana atrás...

DELEGADO

Uma semana?

FRANZ

É. Vim pra dar uma força. Sabe, os ciganos jovens vão ficando pelas grandes cidades. Cansaram da estrada. Já não há mais aquele preconceito... Não nas grandes capitais. Então a grande Mãe Di tem que contratar artistas, não ciganos. Assim é que fui contratado. Em circo tenho muita serventia. Mas domar o que sobrou do Belo Platão... não dá.

DELEGADO

Se não foi você... Quem teria motivo pra matar o anão?

FRANZ

Não sei.

DELEGADO

Sabe. Sargento, mergulho nele. Vamos ver se sabe.

(Soldados rolam um tambor cheio de água pro meio do picadeiro.)

DELEGADO

Mergulho.

(Soldados afundam a cabeça do Franz.)

DELEGADO

Tira.

(Franz respira com dificuldades.)

DELEGADO

Afunda *(tempo)* Tira.

(Franz está quase afogado.)

DELEGADO

Afunda. *(tempo)* Tira.

(Franz está quase morto.)

DELEGADO

Senhor domador, quem no circo teria motivos para matar o anão?

FRANZ

(Com dificuldade) Todos... Quase todos odiavam o anão.

DELEGADO

Por quê? Por que todos odiavam o anão?

FRANZ

Por causa do pau dele.

(Pausa. Delegado está pasmo)

DELEGADO

Escutei bem, domador? Por causa do pau dele todos o odiavam?

FRANZ

Disse quase todos...

DELEGADO

(Olha para os guardas) Pau?... Pau de cacete? De caralho?

FRANZ

É.

DELEGADO

De piroca?

FRANZ

É.

DELEGADO

De nabo? De pinto? De tarola? De rola?

(Vai repetindo os apelidos de caralho até enjoar)

DELEGADO

Pelo meu caralho! O que é que tinha o caralho do anão pra todo mundo querer matar ele por causa do caralho dele?

FRANZ

Era um caralhão.

(Pausa)

DELEGADO

Um caralhão. *(Pausa)* Por um caralhão também se mata. *(Pausa)* Isso vai ficar conhecido como o caso do caralhão do anão. *(Pausa)* Feio... Mas que se há de fazer? Domador... Quem teria motivos especiais?

FRANZ

(Silencioso)

DELEGADO

Sargento, ele quer mergulhar de novo.

FRANZ

Não. Não... Eu falo. A velha Zolá. Juan, o trapezista; a Bela Carol, mulher dele. Dona Ritona Capataz. A bicha Lili cozinheira. Todos eles odiavam o anão.

DELEGADO

Por causa do caralhão dele?

FRANZ

É.

DELEGADO

É do caralho a quatro. Mas tá bem. Obrigado, domador. Sua colaboração espontânea com a polícia foi de grande valia. *(Em tom de apresentador de espetáculo)* Que venham os suspeitos.

(Música de espetáculo de circo. Entram Mãe Di empurrando a cadeira de roda da velha Zolá, Ritona, Juan, Carol e Lili. Voltam pelo picadeiro e cada um pára num canto. Luz geral apagada; acende foco em Mãe Di e Zolá.)

MÃE DI

(Melodramática) Foi uma noite. Acordamos todos com um berreiro infernal. Essa aqui a outrora bela Zolá Manuche, com um machado tentava decepar a cabeça do anão Janjão. O maldito anão se defendia com um saibro. Não

foi fácil segurar a velha. Ela jurava que tinha pegado o Janjão tentando enfiar seu pirocão na bucetinha de uma das cadelinhas amestradas, a Ringa, a mais bonitinha delas. O anão negava. Canalha, nojento. Alegava que ia passando na barraca da velha Zolá e escutou um gemido da cachorrinha. Foi espiar, pra ajudar em alguma coisa, e viu a velha forçando Ringa a lamber a bucetona dela. Indignado, protestou e a Zolá, segundo ele, quis matá-lo. Palavra contra palavra. *(Pausa triste)* A bem da verdade, o anão era a única atração do circo. Tivemos que fazer vista grossa. Como sempre fazíamos quando o maldito anão tentava estuprar as crianças da cidade. Ou quando o nojento arrombava galinhas ou quando era pego bem engatado em cabras ou em éguas barranqueiras. Maldito anão e sua tara. Mas, como lhe digo... Em outros tempos, a bela Zolá Manuche... o tempo que passou não volta mais... A bela Zolá Manuche, a linda artista eqüestre, estrela brilhante dos espetáculos... Não se pode negar, o anão Janjão, um cruzamento de puta com jumento era... sem ele... o espetáculo... o público ... deixamos tudo por aquilo mesmo. Mas não tardou pra sermos outra vez acordados por berros lancinantes na madrugada. As cadelinhas de madame Zolá haviam sumido. Todas. Todas as cinco. Sumido como que por encanto. Não deixaram rastro... Nem sombra delas. Viramos o circo de cabeça pra baixo. Nada. O anão ajudava a procurar; parecia pesaroso com o sumiço das cadeli-

nhas. *(Pausa)* Quando perdemos as esperanças... A velha Zolá jurou: mato esse anão. Pico ele em pedacinhos e dou pro leão comer. Caiu no chão. Nunca mais falou. Um de nós cuida dela, dá comida. Quando se caga, quando se mijá, um de nós limpa, bota na cama, bota no sol. Por isso falo por ela agora. Pobre mulher. As cadelinhas saltando por uma argola eram a sua vida, o seu trabalho. Sua alegria. As cadelinhas amestradas sumiram. Ela, a partir daquele dia, só tinha um desejo: se vingar do anão. Teria ela forças pra isso? *(Pausa)*

(Luz apaga na grande Mãe Di. Acende na Ritona Capataz, no Juan e na Carol.)

RITONA CAPATAZ

Janjão, aquela alma perversa, me odiava. Quis me encastrar. Dei-lhe uma chicotada. Ele se enfiou embaixo da jaula do Belo Platão *(ri)*. Ele tinha ódio, mas tinha medo de mim. Ele achava... que eu... tinha inveja do caralhão dele. Nojento... Bom, o que é verdade a gente diz. O caralhão dele não era um caralho. Era um pé de mesa. Ele... queria fazer aqui no circo uma espécie de programa de calouro. Um prêmio pra quem agüentasse o caralhão dele no cu. Ele dizia que o primo dele, que tinha um caralho menor do que o dele, fazia um puta sucesso em Nova York. Tinha casa com piscina. Carrão com chofer e tudo. Ele

dizia: lá eles são civilizados, sabem dar valor pra um caralhão. O primo tava pra ir pro Japão. Ia fazer mais sucesso lá. Só tem japonês. E japonês tem pau pequeno. O caralho do primo ia ser um abafa. Ele achava que eu é que botava a Mãe Di contra ele... por inveja, porco. Ele era fofoqueiro. Nojento. Ele... ele implicava com o Juan. Ele dizia que o pau do Juan... Bom, ele disse que... eu andava comendo a bela Carol... Eu falei que ia jogar ele na jaula do leão... mas era só pra assustar.

CAROL

Mentira. Mentira. Tudo mentira. Nunca rocei com a ... Ritona... Nunca coleí selo com ela. O anão... um dia que bebeu... começou a provocar o Juan... falava que o Juan tinha pau pequeno... que o pau do Juan era uma berruga... uma berruguinha. Que... o Juan não ligava... mas nesse dia o anão queria botar tuia, uma pomada pra derrubar berruga, no pau do Juan... daí o Juan deu um tapa nele *(chora)*... O anão, pra se vingar ... nojento, falou que eu... que eu vivia em falta... e por isso roçava com a Ritona... mentira, mentira. Aí eu falei, na hora do nervoso, que ia matar ele. Mas não mato uma mosca. Falei da boca pra fora.

JUAN

O anão era... Porra, o anão... era um pentelhão. Ele falou que até a Ritona tinha grelo maior que o meu pau... Eu

mandei a Carol não falar com Ritona, pra evitar fofoca. Ela achou ruim. Falou: Se o anão enche o saco, mata ele... Eu sempre faço o que a Carol quer... Nesse caso... não tive coragem...

(Luz apaga em Ritona, Carol e Juan. E acende no Lili.)

LILI

O anão era gamado em mim. Gamado. Vinha sempre me cantando. Queria me pegar à força. Tentava tudo. Mas comigo não. Com caralhão ou caralhinho, não quero nada com o anão. Anão é coisa do diabo. Eu não. Quando ele viu que não ia arranjar nada comigo, espalhou que eu estava com essa doença de bicha moderna... AIDS. Aí eu falei que ia botar veneno na comida dele. Mas era só pra assustar o anão tarado, só pra isso. Cozinhava pro circo inteiro. Não ia matar todo mundo pra me vingar do anão, né?

(Luz apaga em Lili, acende no delegado.)

DELEGADO

Intuição é foda. Já sei quem matou o anão. A velha Zolá? Não pode nem com ela. A sapatona? Com chicote botava o anão no lugar dele. A Carol? Linda mulher. O Juan? Esse é

bobalhão demais. Então só pode ser a bichona. Bichona criminosa. Bicha Lili...

(Acende na Lili. Os outros somem. Os policiais dão porrada na bicha.)

DELEGADO

Confessa, bichona filha da puta. Você matou o anão. Foi você. E eu sei por quê. Você tinha um caso com o anão...

LILI

Eu não. Eu não... Anão é coisa do diabo...

DELEGADO

Não mente, bicha escrota. Bicha cigana, nojenta, filha da puta, assassina.

LILI

Eu não sou cigana, imagina, nem na macumba recebo cigana. Recebo... Oxum, a dengosa.

DELEGADO

Chega de papo furado, bicha. Você estava gamada no anão, no caralhão dele. Quando você soube que ele quis comer as cadelas da velha Zolá, ficou com ciúmes de bicha desprezada. Ciúmes de bicha louca. Uma loucura. Matou o anão. Picou ele e deu pro leão comer.

LILI

Eu, ciúme do Janjão? Sai de mim, delegado... nada a ver.

DELEGADO

Você fingiu que ia dar pra ele... ele ficou nu... Táí, tudo encaixa... Afoga a bicha... que a bicha confessa.

(Os guardas enfiam o Lili no tambor, uma, duas, três vezes.)

DELEGADO

Vai morrer, bicha.

LILI

(Afogando) Tá...Tá...bom eu ... Não me afoga... Eu falo.

DELEGADO

Foi você quem matou o anão?

LILI

Eu... Eu...

DELEGADO

(Berra) O culpado é a bicha Lili!

(Entram todos. Algazarra. Mult, tipo torcida de futebol, berra querendo invadir o circo.)

HOMEM DA IMPRENSA

Foi crime passional.

O delegado levantou tudo.

O delegado Ribaldo de Alencastro intuiu.

Caso de amor e ódio.

Paixão de bicha é... fogo.

Bicha mata anão por paixão.

Bicha apaixonada pica anão.

Leão come o que sobrou de uma paixão.

(A elite cumprimenta o delegado.)

DELEGADO

(Dá entrevista) Não há como negar que eu sou mais eu. Não deixo crime sem solução. Estou indignado com a crueldade dessa bicha. Em vinte anos de polícia, não vi nada igual. Mas não vou deixar a multidão linchar a bicha. Vou levar a bichona pra outra cidade. Sou a favor da pena de morte. Mas lei é lei. Vou garantir a vida da bicha. Sou o delegado Ribaldo de Alencastro. Vamos levar a bicha.

DONA CILOCA

Gente, fui eu quem descobriu... que havia alguma coisa errada com o circo... fui eu... com minha... Convoco a imprensa pra lançar uma campanha a favor da pena de morte...

(Todos pegam a bicha Lili e a levantam. Vão saindo com ela.)

LILI

(Grita) Grande Mãe Di... Grande Mãe Di... Não fui eu.

(Todos ficam em silêncio.)

MÃE DI

(Triste e profundo) Eu sei.

(Todos saem berrando e carregando a bicha. Só os artistas do circo ficam em cena, duros como bonecos de cera. A algazarra vai diminuindo e some. Ouve-se um apito de trem. Os artistas se olham.)

BOBO

É o último trem chegando.

FRANZ

Ainda dá... *(todos fazem menção de ir.)*

MÃE DI

Deixa ele ir... amanhã vamos todos embora daqui...

(Pausa. Trem apita, partindo)

BOBO

Lá vai ele.

FRANZ

É.

MÃE DI

Amanhã vamos nós.

(Pausa. Um vulto surge no fundo do circo. É o Borrachinha.)

BORRACHINHA

Ó de casa! *(Todos olham)* Sou eu, o Borrachinha. Posso chegar?

MÃE DI

Chegue. Mas o que quer aqui, homem?

BORRACHINHA

Vinha no trem... Ia pra capital... Escutei falar do sucesso de vocês... Multidão na porta... Vim ver se precisavam de mais um. O circo em que eu estava... foi à bancarrota.

MÃE DI

(Depois de uma pausa) Nós também.

BORRACHINHA

Mas ouvi dizer que a multidão queria até invadir o circo...

BOBO

Pra matar a gente.

BORRACHINHA

Mas por quê?

BOBO

A bicha Lili matou o anão...

BORRACHINHA

Pera aí. O anão que estava com vocês não era o Janjão?

BOBO

Ele mesmo.

BORRACHINHA

Ninguém matou ele. Conheço a figura. Trabalhei com ele. Reconheço ele de longe. Ele vai fazer o maior sucesso. Olha ele aqui no jornal. *(Tira um jornal amassado do bolso)* É da capital. O anão é notícia.

FRANZ

(Agarra o jornal) O anão dinamarquês Jonjón começa a se apresentar amanhã na Boite Lua Grande. O anão faz um número impressionante de sexo explícito com cinco cadelinhas amestradas por ele. Saltam sobre o pênis do anão. Depois uma delas se equilibra no enorme membro do anão, que, segundo a propaganda, é o maior do mundo. Jonjon, que se apresenta nas maiores capitais do

mundo, fica entre nós apenas uma semana, viajando a seguir para o Japão.

(Pausa; todos estão pasmos. Depois, todos começam a rir e o pano fecha).

F I M

SOBRE O AUTOR

Plínio Marcos, o mais premiado e mais proibido autor do teatro brasileiro, nasceu no bairro do Macuco, em Santos, no litoral do estado de São Paulo, no dia 29 de setembro de 1935. Frequentou várias escolas sem ter concluído nenhuma. Exerceu uma infinidade de profissões: "bagrinho" na estiva do cais do porto, soldado da Aeronáutica, funileiro, mensageiro, bancário e, sobretudo, camelô – além de jogador de futebol e jornalista.

Como artista, começou a carreira como o palhaço Frajola, no circo Pavilhão Teatro Liberdade. Trabalhou na companhia da atriz Cacilda Becker e no Teatro de Arena. Tornou-se nacionalmente conhecido como ator no papel do mecânico "Vitório", na telenovela "Beto Rockefeller" (TV Tupi) que, no final dos anos 60, revolucionou a linguagem das novelas em televisão.

Mas Plínio Marcos não se adaptou às amarras da TV. De espírito anarquista e independente, preferiu continuar escrevendo suas peças teatrais – e foi com elas que, de forma mais radical que na televisão, mudou radicalmente a linguagem do teatro brasileiro. Plínio já era o autor de "Barrela", escrita nos anos 50, quando, nos 60, surpreendeu a todos com a linguagem dura, crua e cruel da peça "Dois Perdidos Numa Noite

Suja”, a que se seguiram trabalhos igualmente polêmicos, como “Navalha na Carne”, “O Abajur Lilás”, “Homens de Papel”, “Quando as Máquinas Param”, “Jesus Homem”, “Balada de um Palhaço” e “Madame Blavatsky”, algumas delas com montagens em vários países.

Nos anos 70, com o acirramento do autoritarismo, Plínio Marcos enfrentou uma verdadeira odisséia contra a censura a suas peças. Foi também, na prática, impedido de escrever nas revistas nas quais colaborava – mesmo quando tratava de assuntos tão prosaicos como futebol.

Plínio Marcos, que já tem seu lugar consagrado na história da dramaturgia brasileira, passou boa parte dos anos 80 e 90 vendendo seus próprios livros, de mão-em-mão, por ruas e bares de São Paulo, na dura batalha pela sobrevivência.

Dedicou-se também à literatura, com romances como “Querô, uma Reportagem Maldita” e “Na Barrra do Catimbó” e textos poéticos, como “Inútil Pranto pelos Anjos Caídos”. Em “O Assassinato do Anão do Caralho Grande”, Plínio inova mais uma vez, ao eleger duas técnicas para contar sua divertida e sardônica história: a literária e a teatral.